



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**KATIÚSCIA CHRISTINE TARGINO COSTA DE SOUSA**

**ELVIS E MADONA: PARA ALÉM DO CORPO, PARA ALÉM DA  
SEXUALIDADE.**

**Guarabira – PB**

**2014**

**KATIÚSCIA CHRISTINE TARGINO COSTA DE SOUSA**

**ELVIS E MADONA: PARA ALÉM DO CORPO, PARA ALÉM DA  
SEXUALIDADE.**

Trabalho de conclusão de curso – TCC -  
apresentado ao curso de História da UEPB  
como exigência para a conclusão de curso e  
obtenção do título em licenciatura em História.

**Guarabira - PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

---

S725e Sousa, Katiúscia Christine Targino Costa de  
Elvis e Madona Costa de Sousa [manuscrito] : para além do  
corpo, para além da sexualidade / Katiúscia Christine Targino  
Costa De Sousa. - 2014.  
18 p. : il. color.

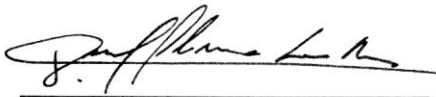
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Susel Oliveira da Rosa, Departamento de  
História".

1. Elvis e Madona. 2. Sexualidade. 3. Gênero. I. Título.  
. 21. ed. CDD 370

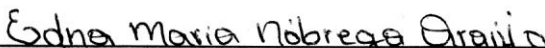
**KATIÚSCIA CHRISTINE TARGINO COSTA DE SOUSA**

**ELVIS E MADONA: PARA ALÉM DO CORPO, PARA ALÉM DA  
SEXUALIDADE.**

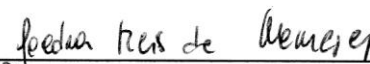
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa – UEPB  
(Presidente – Orientador)



Profa. Dra. Edna Maria Nobrega Araújo - UEPB  
(1º Examinador)



Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses - UEPB  
(2º Examinador)

Data da Aprovação: 14/11/2014

**Guarabira – PB**

**2014**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora por terem iluminado e protegido meu caminho ao longo destes cinco anos de curso. Meus pais por todo o amor e toda dedicação e, zelar por minha educação. A minha tia Zinha pelas palavras encorajadoras... Minha irmã Jaqueline, um exemplo de perseverança, força, uma professora espelho para mim. Meu irmão Júnior também professor por me ensinar a manter o bom humor em diversas situações... A meu companheiro Daniel por trazer para minha vida segurança, paz e amor.

A minha professora e orientadora Susel pela paciência, dedicação e zelo. Levarei por toda vida suas inesquecíveis aulas. A banca examinadora pelas contribuições e ensinamentos.

Obrigada.

*Dedico este trabalho ao meu querido irmão  
Júnior Targino. Com todo amor.*

## RESUMO

O presente artigo busca no filme brasileiro *Elvis & Madona*, exibido nos cinemas em 2010 pela distribuidora Pipa Filmes, dirigido por Marcelo Laffitte problematizar questões relacionadas às categorias identitárias de gênero e sexualidade... “O filme mostra um debate sobre a questão da identidade sexual. Tal identidade sexual na nossa sociedade ainda é um fantasma, que precisa ser vigiada e controlada. O filme questiona: O que é ser homem? O que é ser mulher? Que identidade há na figura da mulher ou na figura masculina? O filme procura mostrar que os corpos são atravessados por um devir, por um entre, por um transe experimental... Corpos afetados por seus desejos, por suas forças minoritárias... Corpos que suportam a força da sua pura singularidade, caminhantes, para além de uma lógica instituída, de uma lógica do igual.” (BRITO; SANTOS; SOUZA. 2014) O demiurgo do desejo não é a dupla dinâmica progesterona e testosterona. A pluralidade de configurações, ou mesmo as mudanças que cada sujeito experimenta ao longo de suas vidas, no âmbito da conjugalidade, nos diz que transitamos em um terreno movediço, sem posições fixas ou determinadas por um a priori ancorado na estrutura biológica.

Palavras-chave: Elvis e Madona, Corpo, Gênero.

## INTRODUÇÃO

O filme conta a história de um casal formado por uma lésbica e um travesti, os atores Simone Spoladore e Igor Cotrim, com a participação de Maitê Proença, José Wike, Buzze Ferraz, entre outros. Elvis, Simone Spoladore, sonhava em trabalhar com a fotografia, queria ser fotógrafa, mas como havia saído de casa, precisava sobreviver ganhar dinheiro para se sustentar, assim, aceita um trabalho como entregadora de pizza. Madona (Ígor Cotrim) é uma travesti, que trabalha como cabeleireira. Seu sonho é produzir um show de teatro de revista. De um contato inesperado as protagonistas se encontram e por meio de uma amizade se veem em volta de um relacionamento. O filme levanta a questão de como comportamentos tidos como heteronormativos\* foram incorporados pela sociedade por meio do discurso que expressa o assujeitamento dos corpos em posturas que incidem nos indivíduos referenciais que asseguram nossa identidade. Dessa forma o diferente neste caso “diferente”, por desviar-se do padrão discursivo heteronormativo, apresenta-se como uma relação que podemos pensar o corpo, a identidade e o gênero. “O corpo tem um espaço de extrema densidade política, é o universal no particular. Trata-se de resistir à normalização da masculinidade e da feminilidade em nossos corpos, e de inventar outras formas de prazer e de convivência.” (PRECIADO, 2000). Sendo assim, os desejos não estão limitados à prática sexual pautada no sexo biológico que reforça a diferença sexual. O desejo pode expandir-se de várias maneiras pelo corpo inclusive demarcar um lugar de resistência a todo o tipo de normatividade. Podemos fazer a leitura do filme Elvis e Madona como uma possibilidade de compreender como são produzidas categorias que por meio do discurso acabam sendo tidas como definidoras de como os corpos, o sexo, a identidade. Os seres humanos são ou devem ser. Pensando assim ao assistir Elvis e Madona podemos discutir como as formas de se pensar a sexualidade e o gênero ainda são carregadas de preconceitos e violências verbais e psicológicas.

\*Termo que explicita preconceito ao designar que a heterossexualidade é a única orientação sexual que deve existir.



## **CORPO E MATERIALIDADE**

Há muito somos valorados pela aparência de nossos corpos... No filme, a personagem Madona, um homem (tomando aqui a categoria de gênero) se transveste. Mantendo assim aparência e posturas femininas. A personagem Elvis uma mulher (usando a categoria de gênero) se veste, se expressa de forma masculina. Ambos desafiam, o mesmo que seja de forma inconsciente ou não, a identidade sexual atribuída a figura masculina e feminina.

O discurso sobre o corpo e sobre a sexualidade muda na medida em não é mais compreendido como “um microcosmo de uma ordem maior”. (LOURO, p. 77) Bem, são várias as maneiras de se produzir formas que referenciam o que denota sentido para o masculino e para o feminino. Além dessa produção de formas ao criar-nos estas, elas passam a ser o ponto de referência que nos fazem compreender que o valor dado aos corpos ocupa um papel central na nossa sociedade. Mas como podemos pensar o corpo?

É no corpo que se inscreve a história humana, pelo corpo podemos representar modos de sentir, de fazer. As várias fases dos seres humanos nele se apresentam: o prazer, o limite, o humor, o orgasmo, suplício e amor. Segundo Foucault, às preocupações com o corpo do passado são diferentes das preocupações a partir do século XVII. Se no passado era a de alimentá-lo. Esta se desloca por volta do século XXI para a sexualidade, as práticas sexuais. “Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo...” (FOUCAULT, p. 146, 1979). Assim o corpo apresenta o resultado de sua adaptação aos contextos aos quais se insere. Dessa maneira pelo corpo podemos expressar como enxergamos o mundo. Por meio do corpo podemos marcar ou apagar nossas vivências.

O homem passou a cultuar a si próprio. “As leis sobre o funcionamento da sociedade agora eram ditadas pela razão, e questões como os sentimentos, as emoções, a sexualidade, que durante a idade média eram tidos como ações pecaminosas, foram incorporadas pela nova sociedade.” (FOUCAULT, 1979). Neste sentido, observar a relação do casal Elvis e Madona nos possibilita discutir como nossa sociedade pensa o uso do corpo. Em comentários como: “Mas ela é mulher e veste-se de homem! Ele é homem e veste-se de mulher!” E evidenciar-se que a sociedade atual valoriza determinado padrão comportamental e corporal, mesmo que se diferenciem uns dos outros, por escolhas de signos. O corpo ainda é passado por padrões de beleza impostos pela sociedade.



Figura 1 – Elvis e Madona

< <http://wp.clicrbs.com.br/saladecinema/2010/08/09/comedia-elvis-e-madona-agrada-publico/?topo=67,2,18,,67&status=encerrado> >

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. (LOURO, p. 15) Por meio de práticas, usos e adequações marcamos nossos corpos. Estes expressam semelhanças e diferenciações entre o que nos foi lhe ensinado sobre masculino e feminino. Fazendo distinções cada vez maiores entre o que é feminino e o que é masculino pelo fator biológico que difere assim o sexo. Os abismos criados na vida daqueles (as), que pensam sua sexualidade como uma escolha e seu corpo

como uma pele externa é excludente. Contra uma paixão má, um bom hábito, contra uma força, outra força, mas o importante é à força da sensibilidade e da paixão, não as do poder com suas armas. (FOUCAULT, p. 89, 1987) O corpo enquanto matéria nos possibilita expressá-lo como um receptor de tempos e escolhas, adquirido por um olhar múltiplo ou singular. Uma organização visível de concordância ou oposição. O corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas, ao mesmo tempo, escondê-los. (SOARES, p. 14)

Se formos pensados enquanto categorias de comportamentos, estes ligados diretamente aos aspectos de nosso corpo. Pessoas, casais como Elvis e Madona que foge a este padrão são considerados desviantes, marginais em suas condutas. Não podemos incutir nos corpos por meios de suas características, padrões definidos de gênero e identidade.



Figura 2 – Elvis e Madona

<<http://www.coadjuvante.com/tag/elvis-madona/>>

## **ELVIS E MADONA: SEXUALIDADE**

Quando nossa aparência não expressa o que desejamos, o modelo hegemônico criado pela heteronormatividade funciona como um ditador de símbolos culturais, logo permeia a todos. Cria situações onde os sujeitos que

não corresponder a esta construção, sentem-se assujeitados ao que não desejam por que a falta de concordância com estes modelos demarca cada vez mais espaços de diferença e intolerância no meio social por meio da linguagem.

*“Além disso, esse enfoque tende a reforçar exatamente a estrutura binária heterossexista que cinzela os gêneros em masculino e feminino e impede uma descrição adequada dos tipos de convergência subversiva e imitativa que caracterizam as culturas gay e lésbica.” (BUTLER, p. 102).*

Fazemos a leitura dos corpos por meio de nossos olhos treinados para enxergar em suas marcas o que o assemelha e o diferencia da norma. Logo esta leitura que é individual busca legitimar-se como um sujeito superior.



Figura 3 – Elvis e Madona

<<http://cinemacemanosluz.blogspot.com.br/2012/08/cine-dica-em-dvd-elvis-e-madona.html>>

Ao pensarmos sobre a formação social dos sujeitos, o filme se comunica conosco a partir de um saber crítico aos papéis hegemônicos heterossexuais o quanto estes criam abismos e injustiças. “A divisão entre os sexos parecem estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas e esquemas de percepção de pensamento e de ação.” (BOURDIEU, p. 17).

Pensar as relações de gênero na sociedade nos permite entender a relação entre sexualidade e poder. Feita por meio de esquemas binários (masculino/feminino), (ativo/passivo). Traz a heterossexualidade como modelo definidor de comportamento para homens e mulheres. A cena de sexo, ao exibir os corpos das protagonistas, Elvis e Madona revela a resistência de alguns ao ver a esta cena existência de uma prática sexual. Ainda presos aos conjuntos de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo. Este pensamento que busca sustentar-se no discurso de que existe uma prática de sexo correta. Então o sexo em ambas as personagens opera por essa visão como prática de subversão onde os homossexuais são inviabilizados socialmente. Por meio da força dos signos culturais sujeitos que não vivem como as normas passam a ser de alguma maneira mutilados da sociedade, por uma ignorância respaldada em um tipo de convivência que produz a maneira de pensar de ser do sujeito.

### **ELVIS E MADONA: GÊNERO**

Embasando a discussão sobre gênero. Tomo uma cena do filme Elvis e Madona para problematizar a construção do gênero e o papel que a identidade ocupa objetiva e subjetiva nos papéis sociais.

Na cena do filme aonde as personagens vão ao médico para Elvis (Simone Spaladore), fazer o exame de ultrassom, duas colocações eu trago a discussão sobre como pensar o gênero.

O diálogo que se segue:

- Médico: Está tudo bem com o bebê, tudo saudável.
- Madona: Ah! Doutor e o sexo?

- Médico: Bem... Deixa-me ver... Indefinido!

É séria a perninha está na frente e não consigo ver. As personagens riem da situação... Uma cena bem cuidada que trouxe por meio da personagem Madona (Igor Cotrim) as expectativas, a ansiedade que costumamos ver nos casais que passam por esta situação. A famosa e tão aguardada pergunta: Qual é o sexo? Feita pela Madona. Que se completa com a resposta do médico: Indefinido! As personagens riem, descontraindo a cena do filme. Mas, está colocada a questão para possamos pensar por meio da resposta do médico ao dizer: Indefinido! Pois quantas ânsias, expectativas já estão sendo construídas em volta de um ser que ainda está na barriga esperando nascer...

Para compreendermos como o gênero se constrói é bom refletir os papéis dirigidos a meninas e a meninos desde a infância. Existem muitos sentidos estabelecidos entre o que é ser masculino e feminino, partindo da premissa que estes sentidos diferenciam-se de uma sociedade para outra. Depende de um processo cultural, pois ao nascer o sexo biológico é tido como masculino ou feminino. Ao longo da vida de cada indivíduo, podemos ver como se cria e se elucida estes binarismos. Estas diferenças desde cedo nos são passadas pelo meio social na forma como os adultos interagem conosco. Seja pela escola, pela mídia (televisiva e virtual), pela música, por filmes, pela própria cultura do grupo ao qual estamos inseridos.

Quem nunca ouviu as seguintes frases:

- Menino brinca com carrinho e menina com boneca!
- Sente direito, quem senta com as pernas dessa maneira é menino!
- Azul é para meninos a cor rosa é das meninas!

Eu poderia ficar citando mil frases e colocações como as já expostas, que trazem todas elas um único motivo; dualizar as diferenças entre homens e mulheres. Para

tanto estas diferenças são cada vez mais expostas em diversos contextos onde desde a infância são limitadas todas as visões sobre gênero. Passadas para estas pelo meio como uma forma de ser, agir, pensar sobre o que a faz ser menina ou menino, logo tal inferência diminuem as diversidades de se pensar o gênero. O que afasta aquele menino, aquela menina que desde cedo não se vê dentro desta lógica dualista de se perceber como integrante da sociedade. Logo para Guacira, gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto” (LOPES, p. 77). Significa que os binarismos não se constroem apenas pelo biológico, mas pelas formas como cada grupo, cada sociedade pensa e age sobre a questão. Quando se faz a pergunta: É menino ou menina? Não é apenas a curiosidade que se percebe, mas toda uma rede de estereótipos que muitas vezes já estão sendo construídos para meninos e meninas acriticamente.

Tomando as relações de gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1995), pode aprender que desde a infância por meio de práticas, restrições e padrões comportamentais. Manifestamos em nossas meio posições hierárquicas e estereótipos compondo posturas femininas e masculinas. O gênero pensado como uma categoria nos leva a refletir que tais práticas dualistas foram criadas e buscam naturalizarem-se pelo discurso incutido no meio social. Para Foucault, “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, p. 119). Dessa maneira o gênero foi construído então é artificial e está passível de ser desconstruído ou reconstruído por meio de outras formas de pensá-lo tanto individual como coletiva.

Recuando um pouco no filme, mas precisamente na primeira visita ao médico feita por Elvis (Simone Spoladore) e Madona (Igor Cotrim). É notório o constrangimento na cena, expressado pelo incomodo do médico ao saber que o pai da criança é um travesti. Evidenciando que com frequência repete-se o discurso da ciência que procura legitimar o que é de natureza feminina em contraponto o que compõe a natural masculino. Seria então para homens: força, destreza, inteligência. Para mulheres: emotividade, docilidade. A cena do exame do

ultrassom realizado por Elvis (Simone Spoladore) busca em sua estética desconstruir estes binarismos. O choro, a emoção sentidos pela Madona (Igor Cotrim) desarticula estes acertos e evidencia que as emoções independem do sexo biológico. Este tipo de visão separa meninos e meninas criam espaços de socialização excludentes e reforça a ideia de espaços masculinos e femininos intencionais. Criando diferenças nas escolhas pessoais, sociais e profissionais. O discurso dualista ainda é tão forte que tomemos como exemplo a construção do gênero pela autoimagem. Podemos pensar quantas pessoas desde a infância se automutilam para parecerem femininos ou masculinos. Quantos desejos são silenciados nestas posturas que são tomadas por muitos motivos aqui friso o medo da rejeição, a vontade de pertencer, de transgredir.

Bento discorre sobre a estética dos corpos; “O sentido que se atribui às roupas e aos acessórios liga-se a um campo mais amplo de significados que extrapola a ideia de um gosto pessoal, vinculando-se às normas de gênero de estabelecem determinadas formas de cobrir os corpos-sexuados” (BENTO, p.163).



Figura 4 – Elvis e Madona

<<http://thumb.mais.uol.com.br/12094860.jpg?ver=0>>

Assim ao se vestir o mais aproximado possível do gênero (na forma dicotomizada). É como se por meio da estética o corpo se torna visível, portador de sua maneira de ver e sentir o gênero. “Pode-se sugerir que, para a formação de hábitos dos gêneros, a estética participa de forma a dar visibilidade aos treinamentos propriamente corporais”. (BENTO, p. 163).

O gênero sendo interpretado como binário, só reforça a diferença entre masculino e feminino e acaba empobrecendo de fato o que pode ser uma



discussão para além dos antagonismos biológicos. A escolha destas cenas vivenciadas pelas protagonistas, Elvis e Madona elucidam os conflitos existentes entre corpo, sexualidade e gênero. Como uma forma de pedagogia vivenciamos desde o nosso nascer maneiras comportamentais de ser homem, de ser mulher. “O que antecede aos conflitos com as genitálias são aquelas com a própria construção das verdades para os gêneros, efetivadas nas obrigações que os corpos paulatinamente devem assumir para que possam desempenhar com sucesso os desígnios do seu sexo” (BENTO, p. 164).

Enquanto uma grande parte da sociedade ainda vê no gênero uma forma de construção comportamental que defina o ser homem, o ser mulher. Cenas como estas do filme *Elvis e Madona* chegam para nos fazer repensar a maneiras como estamos acostumados a pensar o gênero como definidora do sexo. Desde a modernidade é móvel, é múltipla e seletiva. Não é durável e imutável, mas plástica e resultada de escolhas individuais por meio das experiências cada vez mais aceleradas.

Para Hall, a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente (HALL, p.13).

Buscando uma comunicação mais abrangente com o gênero podem-se construir novas formas de abordagem para pensar o mesmo. Levando em conta a transmissão e o poder dos discursos nos meios de socialização como a escola, o hospital, a família, mídias como o cinema, a internet e a TV. Refletir à cerca destes contextos como interferem em nossa individualidade, na nossa maneira de pensar o meio em que vivemos. Podemos de esta forma refletir que o gênero está longe de ser um território definido e apaziguado. O gênero é espaço de conflito, de negociações de papéis. E porque não dizer transgressor?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do filme *Elvis e Madona* procurei evidenciar as discussões acerca de como nossa sociedade pensa o corpo, a sexualidade, a identidade e o gênero. As inquietações não são poucas, e é preciso ser maleável para indagar as propriedades de tais agudezas. Nesse fluxo, “sugiro uma postura provocativa e desafiadora para uma paisagem da afetividade no cinema brasileiro contemporâneo – falo de uma política do afeto. Em contraponto às reivindicações, uma política do afeto pode associar cinema e diversidade sexual/cultural, sem cair numa exposição frenética do corpo.” (GARCIA, p. 144) Minha tentativa foi ao assistir este pensar novos significados para desmitificar estigmas a cerca da sexualidade e da identidade. Procurei viabilizar questões a cerca da normatização da heterossexualidade para discutir as formas de discursos produzidas que muitas vezes desencadeiam violências físicas e psicológicas naqueles que vivem aos olhos da sociedade contra a norma estabelecida. O cinema pode por meio da junção de leituras e debates sensibilizar e propor novos olhares no tratamento de questões relacionadas ao corpo e a sexualidade propondo desconstruções à instabilidade do gênero. Seja por meio de insistências, de movimentos, do corpo como resistência podemos ver que o deslocamento do olhar do lugar comum nos leva a problematizar a relação entre masculino/feminino, formas de dominação. O corpo como resistência a docilização de seus desejos e o corpo que foge as formas de dominação e que nos faz repensar os arranjos da noção de gênero.

## ABSTRACT

This paper aims at Brazilian film *Elvis & Madona*, shown in cinemas in 2010 by the distributor Pipa Films, directed by Marcelo Laffitte discuss issues related to identity categories of gender and sexuality... "The film shows a debate on the issue of sexual identity. Such sexual identity in our society is still a ghost that needs to be monitored and controlled. The film asks: What is a man? What is a woman? That identity is in the figure of the woman or the male figure? The movie tries to show that the bodies are traversed by a becoming, for a between, experimental trance... Bodies affected by their desires, their minority forces... Bodies that support the strength of its sheer uniqueness, walkers, to plus a set logic, logic of the same." (BRITO; SANTOS; SOUZA 2014). Demiurge the desire is not the dynamic duo progesterone and testosterone. A plurality of configurations, or even changes each subject experiences throughout their lives within the marital relationship tells us we move into a quagmire without fixed positions or determined by an a priori anchored in the biological structure.

Keywords: Elvis and Madona, Body, Genre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo – Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRITO. M. R.; SANTOS. H. L. S.; SOUZA. M. V. Corpo e sexualidade masculina em devir. In: III Seminário Nacional de Educação, Sexualidade e Direitos Humanos, 2014, Vitória. *Anais eletrônicos* Vitória: UFES, 2014. p. 7.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GARCIA, Wilton. Da performance a identidade: estudos contemporâneos. In: Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador, 2010. Org. Leandro Colling. EDUFBA, 2011. Coleção CULT; n. 9. 276 p. 144.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeus da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. Ed. Rio de Janeiro: D P & A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história e representação. In: Cattani, Denise et al. (Org.). *Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho - Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

RODRIGUES, Carla. *A Política do Desejo*. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*, n° 193. Agosto/2014, Bregantini.

SOARES, Carmen Lúcia (organizadora). *Corpo e história*. Campinas, SP. Autores associados, 2004. Ed. (coleção contemporânea).

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. *Educação e realidade*. Porto Alegre, v. 20. n° 2. P. 71-100. Jul/Dez. 1995.